



**Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**  
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

**Vol. 16, número 1, jan-jun, 2023, pág. 9-32**

**Plantão psicológico em escolas da rede pública de ensino em  
Manaus: possibilidades e perspectivas**

**Psychological duty in public schools in Manaus: possibilities and  
perspectives**

**Ewerton Helder Bentes de Castro**

### **Resumo**

A adolescência contemporânea tem sido marcada por inquietações e movimento. A existencialidade adolescente é um largo espectro de experiências que muitas vezes são plenas em situações em que dor e sofrimento caminham concomitantemente com alegria e felicidade. O objetivo deste estudo é apresentar as várias dimensões presentes na experiência adolescente em várias escolas da rede pública de ensino em Manaus sob o olhar da Psicologia Fenomenológico-Existencial. O método utilizado é no viés quali-quantitativo e também se ancora no método fenomenológico de pesquisa em psicologia. São apresentados dados quantitativos sobre as escolas e as demandas mais encontradas nos discursos dos alunos. O viés qualitativo traz excertos de discursos dos adolescentes e a análise sob o constructo teórico da Fenomenologia-Existencial. Conclui-se que a atividade possibilitou conhecer as demandas mais emergentes dos adolescentes e redimensionou o olhar sobre a relação plantonista-adolescente adentrando em sua pluridimensionalidade.

**Palavras-chave:** Adolescência, plantão psicológico, psicologia fenomenológico-existencial.

### **Abstract**

Contemporary adolescence has been marked by restlessness and movement. Adolescent existentiality is a wide spectrum of experiences that are often fulfilled in situations where pain and suffering go hand in hand with joy and happiness. The objective of this study is to present the various dimensions present in the adolescent experience in several public schools in Manaus from the perspective of Phenomenological-Existential Psychology. The method used is qualitative and quantitative and is also anchored in the phenomenological method of research in psychology. Quantitative data about the schools and the demands most found in the students' speeches are presented. The qualitative bias brings excerpts from the adolescents' speeches and the analysis under the theoretical construct of Existential Phenomenology. It is concluded



## Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

that the activity made it possible to know the most emerging demands of adolescents and re-dimensioned the look on the relationship on duty-adolescent entering into its multidimensionality.

**Keywords:** Adolescence, psychological duty, phenomenological-existential psychology.

### Introdução

Plantão Psicológico é uma modalidade de atendimento psicológico caracterizada por ser efetivado em um ou mais encontros sem pré-determinarmos a duração e objetiva receber quaisquer pessoas no momento de crise e possibilitar que aquele que nos procura possa compreender sua emergência e encaminhá-la a outros serviços, se necessário. Outro ponto é que não precisa de agendamento, tendo em vista que, o serviço é aberto àquele que está passando por determinada situação que o lança em um redemoinho de sentimentos e emoções.

Considerando o que nos diz Cury (1999)

O Plantão Psicológico configura-se como uma modalidade de atendimento clínico de caráter emergencial que privilegia a demanda emocional imediata do cliente e funciona como um serviço que não apresenta necessidade de agendamento prévio. Visa atender ao público que recorre a ele de forma espontânea (p. 16).

Compreende-se, dessa forma, a dimensão deste tipo de atendimento no que concerne a auxiliar o reconhecimento de problemas e conflitos ainda não identificados, e com isso, proporciona apoio, orientação e esclarecimento de natureza didática, além de ser uma oportunidade de desmistificar o papel do psicólogo.

Não se visa somente a catarse do que está sendo experienciado pela pessoa, ainda que esteja inclusa, mas seu objetivo é facilitar compreensão mais ampla da pessoa e da situação. Procura-se no



## **Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

“momento-já” o leque de possibilidades inexploradas e que podem ser deflagradas considerando a relação que aí se estabelece: calorosa, sem julgamentos, uma escuta sensível e empática, expressividade genuína, verdadeira e comprometida com o outro do plantonista e seu interesse em ajudar são papéis fundamentais, especificamente no sentido de desdobramento do pedido inicial e, dessa forma, explicitar o movimento desse outro em busca de crescimento e mudança.

O projeto irá viabilizar o acompanhamento de escolares, professores, pais e comunitários do entorno das instituições escolares onde irá ser desenvolvido. Compreende-se que projetos desta natureza têm como meta privilegiar as demandas emocionais dos participantes da comunidade escolar, através do acolhimento e da escuta.

O plantão psicológico como espaço possibilitador de experiência, da pessoa que busca e do plantonista, já que este último é alguém que se mostra disposto, presente e em disponibilidade, indo além do saber técnico. É estar junto, inclinar-se em direção ao sofrimento, permitindo-se afetar e, a partir daí, compreender o outro.

Por que a escola?

A instituição escolar é caracterizada pelo fato de receber inúmeras e diversificadas demandas dos atores sociais que a compõem: discentes, docentes, pais, comunitários. Sabe-se que algumas experiências contemporâneas encontram campo para manifestar-se no seio da comunidade escolar. Dentre estas: dificuldades na aprendizagem, problemas oriundos das configurações relacionais, bullying, consequências da violência doméstica (agressividade, ensimesmamento, indisciplina, etc), comportamentos autodestrutivos e autolesivos, questões relacionadas à sexualidade (gravidez na adolescência, abuso sexual, homofobia, transfobia, dentre outros) e a exposição a fatores de risco muito presentes em nossa sociedade atual (tabagismo, uso de drogas lícitas e/ou ilícitas).



## Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Torna-se necessário elaborarmos uma ressalva. Mahfoud (2004) revela-nos que esse modelo de acolhimento e escuta psicológica nos contextos das instituições do sistema de ensino – seja público ou privado – pode gerar no discente certa apreensão pela presença do psicólogo, pois remete a uma gama de procedimentos já anteriormente vivenciados na escola (intervenção psicossociológica – incluindo planejamento e diagnóstico institucional; intervenção clínica, promoção e prevenção em saúde mental, etc).

A partir de qual olhar?

Conforme suscitado no título do projeto, o olhar sobre o outro, fenômeno humano, será o pressuposto da Psicologia Fenomenológico-Existencial. É um olhar em busca da humanidade do ser humano, destituindo este de assujeitamentos e enviesamentos teóricos que o mantém em caixinhas discriminadoras, julgadoras e, muitas vezes, preconceituosa.

Ao plantonista, nesta perspectiva, cabe estar colocando em prática o que Castro (2017, 2019, 2020, 2021) preconiza como o fundamento da Clínica dos Três Olhares, embasado na proposta criada a partir dos pressupostos da Fenomenologia, a saber: acolher, escutar e cuidar. O *acolhimento* no sentido de receber este outro para além da possibilidade diagnóstica ou do problema que originou a crise em que se encontra. A *escuta* no sentido de ir além da mera exposição que esse outro traz da situação e isto significa, conseqüentemente, proatividade, busca pelo fenômeno que se manifesta na fala desse outro. O *cuidado* no sentido de ir além da dor e do sofrimento expressos na fala e buscar, através do diálogo sobre o que está sendo trazido amparar o desamparo, a angústia, o estresse, a ansiedade e mostrar-se continente, presente junto a esse outro.



**Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**  
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

### **Objetivo do Plantão psicológico em escolas**

Acolher, escutar e cuidar dos alunos, docentes e pais de alunos que procuram o serviço em sua demanda emocional imediata e emergencial sob o viés da Psicologia Fenomenológico-Existencial em escolas da Rede Pública de Ensino em Manaus.

### **Caracterizando o plantão psicológico**

Não necessitar de psicoterapia. Eis um dos pressupostos desta modalidade de atendimento, o que resulta em ser considerada a solução para a grande demanda reprimida de atendimento psicoterápico nas instituições. A base teórica inicialmente foi a humanista e teve como referência a proposta do Serviço de Aconselhamento Psicológico da Universidade São Paulo.

O plantão psicológico surgiu no Brasil a partir do crescimento da demanda por atendimento psicoterápico e a consequente dificuldade em seguir processos de terapia mais extensos por grande parcela da população cujo propósito era solicitar ajuda em questões urgentes e pontuais. As atividades do plantão dão conta da diversidade e singularidade das questões psicológicas do que é levado ao PP e ressaltam a importância da formulação de políticas públicas que possam apoiar a oferta de dispositivos e serviços que assistam as pessoas que procuram o serviço.

Percebe-se que o plantonista tem um papel que podemos considerar de transformação e multiplicação social. Para essa autora, o surgimento do plantão se deu pela escuta de demandas sociais e a necessidade da propositura de novos modelos que dessem conta da demanda social aumentada. Assim, tornou-se necessário repensar a origem de tensões, conflitos e crises evidenciadas cotidianamente na vida de milhares de pessoas.



**Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**  
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

O PP possibilita minimizar desde a angústia por problemas pessoais do tipo crises passageiras em uma relação afetiva até casos de comportamentos autodestrutivos e autolesivos. Daí, funcionar perfeitamente como serviço de emergência. Devemos também concordar que clarifica para esse outro a queixa trazida além de possibilitar que perceba a dimensão do vivido e encontre estratégias para realização do enfrentamento da facticidade, possibilitando novo significado.

No plantão desenvolvido na escola, acolhemos a demanda psicológica trazida pelo estudante e o ajudamos a lidar com sua dificuldade, observando limites e descobrindo seus próprios recursos até então desconhecidos. É, assim, na escuta a abertura à compreensão das dificuldades em situações pontuais, situadas, possibilitando novas significações. É solicitado, ao plantonista, solicitude no escutar a demanda do aluno, a partir de sua realidade, sem pré-julgamentos, pré-concepções ou pré-conceitos. Disponibilidade ao outro, eis o movimento.

Mediante o exposto, cumpre ressaltar que este tipo de atividade é uma espécie de intervenção psicológica que pressupõe o acolhimento da pessoa no momento da urgência, possibilitando com que passe a lidar melhor com seus recursos e limites, maioria das vezes sequer percebido por ela, ou seja, presta-se um atendimento emergencial à demanda trazida pelo outro, em nosso caso os adolescentes, acompanhando-o na busca pelo sentido de seu existir através da compreensão de seu sofrimento, entretanto, não se prioriza garantir alívio ou uma vida embasada no experienciar de prazer imediato e presente.

O que o Plantão psicológico pode propiciar? Clareza de visão sobre si mesmo e suas perspectivas frente às facticidades que o tem



**Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**  
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

atingido e com as quais não tem conseguido lidar. Na atividade a possibilidade desse outro se autoquestionar e, com isso, perceber os conflitos, posicionando-se e compreendendo a dimensão de suas escolhas. Efetiva-se a promoção de saúde e o resgate da identidade. Nesse ínterim, poderíamos pensar que o tempo seria o vilão, contudo, é possibilidade de rever suas concepções, julgamentos e conceitos, um tempo de possibilidade, o encontro consigo mesmo e com o outro.

Castro (2020;2021) afirma na Clínica dos Três Olhares a premência de nos trazermos inteiros para a relação com o outro. O que isso significa? Que nos deixemos surpreender por essas pessoas que buscam pelo profissional da Psicologia ou no caso em questão, os plantonistas. Pois é a partir do momento em que me lanço em disponibilidade para com elas, experiencio a abertura em relação a outrem e, assim, consigo compreender que não estou ali na condição de dar respostas ao sofrimento trazido e sim me colocar em um locus de escuta que acolhe e cuida, me percebendo na condição de aprendiz do meu fazer. Faz-se, desse modo, o encontro necessário ao desenvolvimento da atividade. É na possibilidade de me compreender para além de teorias que meu ato de acolher e cuidar mostra a amplitude de meu escutar.

As situações trazidas nesses momentos têm grande significação, uma vez que, estão lançando esses adolescentes em verdadeiros redemoinhos emocionais que os retira do próprio caminhar e, muitas vezes, do próprio auto pertencimento. Tornam-se alijados de si mesmos. Seu caminhar se torna ensimesmamento, ímpeto, impossibilidade de ser quem é. Adentram por um viés em que elencam, categorizam sua trajetória como “não tem mais razão de ser”; “não há por onde caminhar”; “não vejo saída”; “sou apenas filho e dependo deles”; “não tenho valor algum”. Observemos que estas concepções





**Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**  
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

mostram a dimensionalidade do auto desencontro experienciado. Alijam-se de si mesmos e se veem, maioria das vezes, apenas lançados em redemoinho emocional que lhes faculta ver a vida a partir do caos, como muitos têm comentado.

Contudo, a meu ver caos é movimento, é possibilidade. Como o plantonista pode lidar com esse movimento que lhe vem ao encontro? Não se colocando na condição de um suposto saber que afasta, e muito, esse outro que não compreende de onde surgem determinadas colocações que discriminam, julgam, interdita esse outro de ser quem ele é. Renovo aqui meu pensamento de que ao lidarmos com esse outro lembremo-nos de que não somos natureza humana, não somos condição humana, somos conquista.

O plantonista ao utilizar os parâmetros da Fenomenologia em sua relação com o outro deve, inicialmente, questionar seu *modus operandii*, questionar seu olhar sobre si mesmo, questionar seu olhar sobre o outro e sobre a vida. Primeiro, porque o que vem até ele – esse adolescente - já está lançado no *locus* de execrar-se a si mesmo e, conseqüentemente, mantém-se em posição de escassez para consigo mesmo. Uma escassez que representa um lugar de não-possibilidade, de não-ser-si-mesmo. Castro (2020, 2021) compreende que o cotidiano é pleno em construção, desconstrução, reconstrução. Ora, esse adolescente apenas vê e escuta que é desconstrução, que é erro, que é equívoco – inclusive por ter nascido -, não nos cabe direcionar-lhe outro olhar a não ser aquele pautado na compreensão de que essa pessoa é possibilidade apesar das impossibilidades; que esse outro é movimento intenso – feérico em algumas situações – que não necessita de controle mas de mergulhar em seu próprio sistema caótico e compreender que ele é o próprio caos, ele é movimento, ele é possibilidade, ele é devir.





**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**  
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Ser-caos designa que esse outro é para além de quaisquer possibilidades de controle. É probabilidade de compreensão. É mergulho em si mesmo lançando-se no movimento existencial que consiste em tomar para si a responsabilidade por quem se tornou. Sim. A questão primordial deixou de ser o quem sou eu para a expressão quem me tornei. E ao perceber que o movimento é o de um *ad aeternum* tornar-se si mesmo se possibilita refletir enquanto caos que cria, que redimensiona o existir, que permite reconhecer-se como ser-possível.

Preciso retornar, neste momento, a três constructos nos quais embaso a Clínica dos Três Olhares: o acolher, o escutar e o cuidar. Busquemos aprofundar um pouco mais.

Qual seria a dimensão do acolhimento?

Acolher é muito mais que estender os braços em direção a alguém, apresentar o melhor sorriso, entregar a mão para ser saudada. Acolher, nesta perspectiva de clínica é tornar-se presente de tal modo que o adolescente consiga se pensar para além da situação de desamparo em que está alocado. Compreende que ali, à sua frente, está alguém em disponibilidade para com ele; alguém que não colocará em prática a emissão de juízo de valor ou quaisquer outros fatores nesta perspectiva. Percebe uma pessoa continente, junto a ele. Eis a dimensão do acolher, possibilitar-se, permitir-se estar genuína e verdadeiramente com esse outro.

O escutar se dá na dimensão e a partir do envolvimento existencial com o adolescente. É o respeito pelo que está sendo relatado, pela historicidade que se efetiva ali, à sua frente. É receber os detalhes e nuances de uma mesma história. É posicionar-se em busca do sentido que estará sendo expresso na fala desse outro. É estabelecer relação tal que priorize ir além, priorize junto com o aluno,



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**  
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

compreender a fala do discurso, ou seja, ir além do que está posto, pronto, acabado. É estar em abertura no sentido de estabelecer com esse adolescente o encontro, sempre na condição de aprendiz, sempre se permitindo a possibilidade do construir-se e constituir-se enquanto estagiário e/ou profissional de Psicologia.

O cuidar é efetivado em toda a processualidade que constitui a relação de aconselhamento. Despojar-se – lembremos que no sentido de não permitir um viés diferente na configuração relacional ali vivenciada – de suas concepções, julgamentos, conceitos pessoais que distorceriam o movimento de compreensão do vivido é o móvel dessa questão, a *epoché* nominada por Husserl. Castro (2021) revela que cuidar vai além do zelo e do desvelo. É um permanecer junto a, experienciando o ser-com em sua magnitude. É auto desvelar-se!

Assim, o plantão psicológico é efetivamente compreender que esse outro é um contínuo vir-a-ser! Pois, a partir de meu olhar de generosidade sobre ele e sua historicidade aprendo mais de mim mesmo, minhas impossibilidades, minhas possibilidades. É no movimento do caos trazido como vivência pelo outro que se consolida o meu fazer no desenvolvimento da atividade.

Torna-se necessário informar que o plantão psicológico realizado nas escolas é única e exclusivamente direcionado ao aluno. Entretanto, o sofrimento psíquico dos docentes, uma vez que, dentre as classes laborais é onde encontra-se o maior número de profissionais afastados por problemas relativos à saúde mental, os alunos dos últimos períodos de graduação em psicologia realizam o acompanhamento psicoterápico de docentes do ensino fundamental e médio assim como pais que se disponibilizam a esse fim.



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**  
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Cabe, a partir deste momento, apresentar a dinâmica de inserção do plantão psicológico nas escolas e a ambiência em que é efetivado.

### **Institucionalizando o Plantão Psicológico**

O projeto do Plantão Psicológico em escolas da rede pública de ensino em Manaus tem o pontapé inicial no diálogo com um gestor no qual me foi passada a preocupação relativa a questões de saúde mental dos alunos. Frisou que gostaria de ver algo sendo realizado junto aos adolescentes, “umas palestras, por exemplo”.

Fui contra. Completamente contrário a esse tipo de metodologia utilizado. Maioria das vezes, quem está à frente, palestrando, esquece que sua linguagem técnica – e isso é praxe – afasta de modo grandioso a atenção do que poderia ser aprendido. Resolvi pensar e, com isso, surge o projeto.

Iniciamos efetivamente com dois alunos do curso de Psicologia da Ufam e inclusive eu me tornei um dos plantonistas dada a demanda encontrada. A partir daí, vivenciamos o que o senso comum nos traz: a melhor propaganda é a de boca. Pois bem, o gestor foi divulgando entre seus pares a atividade e o quanto estava satisfeito em sua escola sediar o projeto. Dessa forma, outros gestores passaram a entrar em contato.

O número de escolas e de estagiários foi aumentando consideravelmente. Atualmente, estamos desenvolvendo o plantão em 13 escolas, sendo 10 da rede estadual e 3 da rede municipal de ensino. Concomitantemente, o projeto foi aprovado como projeto de extensão na Ufam e na SEDUC obteve a aprovação para ser realizado.

A entrada em cada escola é realizada através de reunião com gestores, docentes e corpo técnico para apresentar a proposta e dirimir



**Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**  
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

quaisquer dúvidas. Em seguida, juntamente com os plantonistas, já capacitados, dirijo-me às salas de aula onde realizamos a explanação do projeto para os discentes. Da reunião com os gestores já identificamos os locais que poderão ser utilizados como sala de aconselhamento.

Contudo, algo precisa ser trazido neste momento. São exíguos os locais disponíveis, mas os gestores sempre propiciam esse ambiente, seja na biblioteca, seja na sala da pedagoga, seja na sala multimídias, enfim, em virtude da necessidade e da premência do acompanhamento aos discentes, são viabilizados ambientes que algumas pessoas podem acreditar incorretos, entretanto, são ambientes que podem estar sendo usados para tal fim.

Após a informação repassada aos discentes em sala de aula, é facultado o início dos atendimentos. Entretanto, dada a demanda altíssima, geralmente são elaboradas listas pelos próprios discentes ou pelo setor de pedagogia no sentido de não tumultuar o atendimento. O aluno se dirige ao plantão e pode utilizar o tempo que for necessário, pois temos aconselhamentos realizados em 30 minutos e outros com até duas horas ou mais.

Um dos critérios estabelecidos é o retorno do mesmo aluno até 5 vezes. A partir daí é encaminhado para a rede de apoio do plantão. Como é feito o acompanhamento sobre esses 5 momentos?

A cada encontro com o plantonista é preenchido o formulário de relato que contém, dentre outras, informações pertinentes à identificação do aconselhando, idade, raça, gênero, série. Em seguida, o plantonista elabora o relato do que ocorreu no aconselhamento e, na mesma semana, discute em supervisão de estágio o que realizou, onde poderia melhorar, o que poderia ter sido dito, enfim, a possibilidade de auto reconhecimento desse estagiário no que tange a relação com o



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**  
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

adolescente. Quando atinge o quinto momento e o supervisor verificando a necessidade da continuidade em terapia, o aluno é encaminhado para o que denominamos rede de apoio.

A rede de apoio ao plantão psicológico constitui-se de estagiários dos últimos períodos de psicologia da ufam, clínicas-escola de todos os cursos de graduação em psicologia da cidade de Manaus, a saber: Escola Superior Batista do Amazonas – Esbam; Universidade Estácio; Uninorte; Faculdade Metropolitana de Manaus - FAMETRO; Universidade Federal do Amazonas; Universidade Paulista; Faculdade Santa Teresa.

A rede de apoio realiza o acompanhamento psicoterápico de professores, pais e alunos que já realizaram os 5 aconselhamentos previstos. No que tange aos primeiros, os próprios docentes procuram a gestão escolar e pedem que seus nomes sejam encaminhados para a coordenação do plantão psicológico que viabiliza a inserção destes junto aos membros da rede; quanto aos pais, o mesmo se dá. Buscam a gestão e solicitam o serviço.

Em virtude da pluridimensionalidade de demanda trazida pelos alunos, estabeleceu-se parcerias com a Delegacia de Proteção à Criança e ao Adolescente; Delegacia da Mulher e a Comissão de Apoio e Proteção da Mulher da Ordem dos Advogados do Brasil, seção Manaus o que, inclusive, tem possibilitado a denúncia de abuso sexual infantil e violência contra a criança, ao adolescente e a mulher.

Novas propostas estão sendo viabilizadas pela coordenação do projeto. Dentre elas a parceria com neuropsicólogo para a realização de laudo de alunos nitidamente inseridos no TEA e psicopedagoga para trabalhar com transtornos de aprendizagem.



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**  
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

A partir deste momento, estarei expondo acerca da metodologia utilizada nos aconselhamentos que geraram dados expostos em resultados e discussão.

### **Metodologia**

Este estudo utiliza o método quanti-quali preconizado por Creswell (2007) que pressupõe a apresentação de dados quantitativos e qualitativos. Nos primeiros, serão apresentados os fatores numéricos, ponderáveis, mensuráveis aqui representado por tabelas e quadros. Quanto aos segundos, traremos algumas falas trazidas nos atendimentos realizados pelos plantonistas, enriquecendo sobremaneira esta proposta de trabalho. O viés qualitativo leva em consideração valores, crenças, sentidos presentes nos discursos dos adolescentes e que foram transcritos nos relatos e, neste momento, resgatados e apresentados *ipsis literis* para corroborar com a reflexão daquilo que foi trabalhado em alguns aconselhamentos.

No primeiro momento, apresentaremos os dados quantitativos e no segundo os qualitativos, sendo que nestes últimos utilizaremos o referencial teórico da Psicologia Fenomenológico-Existencial para a compreensão das falas relativas às vivências dos adolescentes.

**Participantes:** 820 atendimentos a alunos em escolas do sistema público de ensino, nos níveis fundamental e médio que se apresentaram ao plantão psicológico em 13 escolas (10 estaduais e 3 municipais). Deste número, o *n* total foi de 754 alunos e o restante (66) foram os atendimentos realizados duas ou três vezes com o mesmo aluno.

**Locais de atendimento:** salas previamente disponibilizadas pelos gestores das escolas estaduais e municipais, climatizadas, ambiente reservado.



**O processo:** o aluno se dirigia ao local onde estavam os plantonistas e ali, inicialmente, lhe eram requeridos dados específicos (nome, idade, série, raça, religião) e em seguida, o plantonista se coloca em disponibilidade para escutá-lo, o que poderia ocorrer no tempo de 30 minutos a 2 horas e 45 minutos, por exemplo.

**Demandas:** Foram demandas variadas e diversificadas trazidas pelos alunos que estarão sendo apresentadas em tabela específica.

**Quadro 1: quantidade de alunos por escola, natureza institucional, nível, faixa etária**

<b>Escola</b>	<b>Natureza institucional</b>	<b>Nível</b>	<b>Faixa etária</b>
Esc. 1 - AN	Estadual	Fundamental	9-19
Esc. 2 - CETIJB	Estadual	Fundamental	10-19
Esc. 3 - CETIML	Estadual	Fundamental e Médio	10-19
Esc. 4 - EP	Estadual	Fundamental e Médio	10-19
Esc. 5 - SN	Estadual	Fundamental e Médio	10-19
Esc. 6 - RA	Estadual	Fundamental e Médio	10-19
Esc. 7 - RV	Estadual	Fundamental e Médio	10-19
Esc. 8 - VT	Estadual	Fundamental e Médio	10-19
Esc. 9 - EP	Estadual	Fundamental e Médio	10-19





## Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 - 1441 (Versão digital)

Esc. 10 - MV	Estadual	Fundamental e Médio	10-19
Esc. 11 - PG	Municipal	Fundamental	9-17
Esc. 12 - VL	Municipal	Fundamental	9-16
Esc. 13 - EP	Municipal	Fundamental	9-16

**Fonte:** Formulário de relato do plantão psicológico

### Quadro 2: Demandas mais prevalentes em alunos das escolas estaduais

Demandas	Quantidade	%
Ansiedade	84	12,5
Bullying	58	8,64
Autolesão	38	5,66
Abuso sexual	54	8,04
Relações familiares	125	18,63
Violência doméstica	73	10,88
Outros	239	35,65
<b>Total</b>	<b>671</b>	<b>100</b>

**Fonte:** Formulário de relato do plantão psicológico

O quadro 2 expressa as demandas mais prevalentes nas falas dos alunos das escolas da rede estadual de ensino e sinaliza como maior quantitativo de demanda (18,63%) relações familiares, seguido por violência doméstica (10,88%), crises de ansiedade (12,5%) e bullying (8,64%)

### Quadro 3: Demandas mais prevalentes em alunos das escolas municipais

Demandas	Quantidade	%
Ansiedade	22	14,76
Bullying	04	2,68



## Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 - 1441 (Versão digital)

Autolesão	07	4,7
Abuso sexual	24	16,10
Relações familiares	31	20,8
Violência doméstica	08	5,37
Outros	53	35,59
<b>Total</b>	<b>149</b>	<b>100</b>

**Fonte:** Formulário de relato do plantão psicológico

O quadro 3 traz as demandas mais prevalentes em alunos de escolas do ensino fundamental, ou seja, do 5º ao 9º ano em que percebemos as relações familiares em primeiro posto com 20,8%; seguido por abuso sexual com 16, 10% e crises de ansiedade com 14,76%.

### Viés qualitativo

Neste momento, passarei a apresentar o viés qualitativo deste artigo, ou seja, apresento o discurso de alguns discentes e o olhar da fenomenologia-existencial em Heidegger e Merleau-Ponty. Considerando a proposta de Giorgi & Souza (2010) e Pereira & Castro (2019), essas falas foram expressas no instante em que os adolescentes foram atendidos no plantão psicológico e isso significa dizer que foram falas potentes, impregnadas de sentido e dinamizadoras da atenção do estagiário que, imediatamente após o aconselhamento, as escreveu de modo a caracterizar a dimensão do que lhe fora trazido por esse aluno. Podemos estar, dessa forma, considerando estes excertos de fala como as Unidades de Significado propostas pelos autores anteriormente referenciados.

A partir da transcrição dessas falas, estabelecemos a imbricação das mesmas com a teoria que fundamentará esta análise.

O primeiro ponto é a **autolesão**. Merleau-Ponty (2011) considera o corpo o elemento a partir do qual eu me reconheço como sou, sendo



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**  
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

quem e como sou. Entretanto, existem situações que é nesse corpo em que lançamos nossas frustrações, nossos não-sabermos lidar com o que nos acontece cotidianamente. Nesse momento, minha raiva, minha dor, meu sofrimento são direcionados ao meu corpo, como nos casos de autolesão trazido nas falas a seguir:

Não sei porque faço isso... vem aquela dor no um peito e vou atrás da gilete e me corto (M.B. 12 anos, aconselhamento realizado em maio, 2022).

Eu sinto uma dor muito grande no meu peito... sozinha... ninguém pra falar... meu pai e minha mãe sempre trabalhando e quando chegam estão cansados, não vou perturbar. E aí, sozinha, fico em desespero e me corto. O sangue escorre e a dor do peito passa **(E.J.R., 15 anos, aconselhamento realizado em maio, 2022)**.

Toda vez que minha mãe me chama de irresponsável, que não faço nada, mesmo eu tendo arrumado toda a casa. Fico com raiva dela e me corto **(J.A.G., 13 anos, aconselhamento realizado em abril, 2022)**.

O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM 5 (APA, 2014) o ato auto lesivo, a autolesão não suicida, é o comportamento repetido pela própria pessoa de infligir lesões que embora superficiais, são dolorosas, à superfície do seu corpo. Esse comportamento é vivenciado no sentido de reduzir solidão, tensão, ou seja, emoções negativas como ansiedade e autocensura. Como vimos em um dos discursos “o sangue escorre e a dor no peito passa”. Momentaneamente, mas passa. E a meu ver, cria-se um círculo vicioso, uma vez que, os adolescentes recorrem continuamente à ação como um modo, mesmo passageiro, de lidar com o que oprime, cerceia, marginaliza.



Outro aspecto muito presente no discurso dos adolescentes é o que tange à **experiência da violência doméstica**. Percebe-se a dimensão desta vivência na vida dos alunos, onde trazem em suas falas: a frustração de não poder ajudar, o medo diante da situação, medo e desespero por não saber o que fazer.

Se minha própria família se agride. Tô cansado de ver meu pai bater na minha mãe. Eu não poder fazer nada (**E.D., 12 anos, aconselhamento realizado em maio, 2022**).

Ele [o pai] bate muito nela [a mãe] quando chega porre em casa... eu tenho muito medo do que ele pode fazer (**M.A.T. 13 anos, aconselhamento realizado em junho, 2022**).

Eu fico em meu quarto, escondidinha... só escuto ele [o pai] bater nela, na minha mãe. Só faço chorar e me esconder no meu lençol. Não sei o que fazer [choro] (**M.B.C. 12 anos, aconselhamento realizado em junho, 2022**).

Forghieri (2011), Heidegger (2013), Holanda (2014), Castro (2019, 2020, 2021) referendam que nossa vida é pautada, desde que nascemos, pela presença constante de meu semelhante, desse Outro que sempre está a meu lado. Assim, as configurações familiares, são a representatividade desse ser-com tão necessário e presente em nosso cotidiano. Contudo, as situações trazidas pelos adolescentes nos mostram um viés em que esse Outro provoca dor e sofrimento. Quando, em vez do cuidado, o des-cuidado é o que se mantém no nicho familiar.

Dessa forma, esse des-cuidar – o não cuidar como deveria ser implementado – torna-se o fundamento de um dos fenômenos muito presentes na vida contemporânea, a violência doméstica e suas consequências na vida daqueles que a experienciam. O contexto doméstico de violência provoca angústia, desamparo, lança esse



adolescente em um turbilhão emocional muito sério, tendo em vista que, o ato praticado por e entre figuras parentais denota o que Castro (2021) considera como a inautenticidade do meu movimento de existir em minha ação direcionada ao outro, onde provoço dor, sofrimento, mágoa.

**Autoestima e autoimagem** ganham relevância na tessitura de vivências desses jovens. A variedade de elementos utilizados como recurso para provocar no outro um processo de menos valia a partir do que é dito, do que é trazido pelo outro, como nos trazem os excertos em seguida:

Ninguém gosta de mim. Dizem que meu cabelo é ruim. Que eu sou desajeitada. Que minha família não presta [choro compulsivo] **(A.B.M.S., 12 anos, aconselhamento realizado em maio, 2022)**.

Eu não sei porque eles fazem isso comigo. Talvez porque eu seja feia, preta, meus pais não vivem junto, sou mais pobre que eles. Não, não gosto de mim, do meu corpo. Sou esquisita **(J.C.M.C. 12 anos, aconselhamento realizado em maio, 2022)**.

Castro (2019) considera que um dos aspectos mais relevantes a ser considerado nas configurações relacionais diz respeito ao fato de que, peremptoriamente, somos ser-com-o-outro, como dizia Heidegger (2013). Ora, ser-no-mundo é ser-com, é vivenciar o meu caminhar junto a esse outro que também está trilhando sua jornada cotidianamente. Entretanto, situações há em que esse experienciar o meu dia a dia com o outro se torna difícil, tenso, pleno em preconceito e discriminação. E, nesse instante, quando isso ocorre, o ser-si-mesmo é lançado em verdadeiro turbilhão emocional culminando em retrair-se diante do outro, ensimesmar-se de tal modo que, maioria das vezes, adentramos por um sentimento negativo em relação a nós próprios, nos desapropriamos de quem somos e, em detrimento de mim mesmo, o



olhar sobre si mesmo torna-se distorcido, vago, inseguro, onde a sensação de incompetência, inaptidão e inabilidade passam a ser a tônica do existir. E isso resulta, como nos casos acima trazidos, em vivência da corporeidade sob o viés do esconder-se de si mesmo, vilipendiar-se, tornar-se um objeto a ser esquecido pois o olhar do outro não permite que eu seja eu mesmo. O velamento se faz (Castro, 2017).

**Configurações familiares.** Nichos familiares. Família. A chamada base de todo o processo de desenvolvimento humano, onde as figuras significativas deveriam agir no sentido de possibilitar a cada membro o exercício pleno de sua existencialidade, em alguns momentos tangencia, tergiversa de seu objetivo e, com isso, provoca uma série de im-possibilidades, uma série de situações que impelem à dor e ao sofrimento, mergulhando esse membro familiar ao locus do não se sentir pertencendo a esse grupo.

Contou para a mãe que não estava se sentindo bem e mostrou os cortes, mas ela disse que Marilis estava ficando doida: “Pra que ficar se machucando assim? Se mata de uma vez” **(M.S., 16 anos, aconselhamento realizado em novembro, 2022).**

minha irmã tem momentos de explosividade, grita comigo, reclama das atividades domésticas que faço em casa, que “parece que nunca é suficiente”. **(T.R.S, 16 anos, aconselhamento realizado em setembro, 2022).**

tem dias que estou “pra baixo”, e que isso faz com que não venha à escola, pois “não tenho pique”. Só quero desligar um pouco. Fiquei umas 2 semanas sem vir à escola, não estava bem psicologicamente **(K.F., 18 anos, aconselhamento realizado em setembro, 2022).**

[...] “uma família que não é muito junta”, não tenho um lar bom. Moro com o meu pai em uma casa pequena, onde não tenho um quarto



**Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**  
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

próprio, dividindo o espaço com o meu pai [...] temos um relacionamento cordial, mas “superficial” (**A.G., 18 anos, aconselhamento realizado em setembro, 2022**).

Malgrado à importância e significação das configurações familiares, existe determinada amplitude de disfuncionalidade nessas relações que precisamos compreender para além do viés “ser disfuncional”, tendo em vista que, em sua disfuncionalidade se tornam funcionais, uma vez que, mantém o status quo daqueles que oprimem, discriminam, superficializam a relação.

Essa dinamicidade relacional é o que Heidegger (2013), Castro (2017, 2019, 2020, 2021) caracterizam como processualidade inautêntica, ou seja, é no malograr o existir do outro que mantenho meu poder, minha autoridade sobre o outro. Contudo, esse movimento ainda provoca o afastamento das atividades escolares, lança esse adolescente em uma sistemática em que as relações são experienciadas sob o viés do implemento da dor e do sofrimento.

### **À guisa de considerações finais**

O desenvolvimento de toda e qualquer atividade em instituição escolar requer atentividade , um olhar para além do que está sendo posto como verdadeiro, linkar as vivências dos atores sociais que desenvolvem sua existencialidade tendo um dos locus a escola. Enfim, é compreendermos a pluridimensionalidade do existir sendo ali levado à efeito.

O existir adolescente perpassa por uma longa e imensurável série de desdobramentos. Não há apenas a dor e o sofrimento, mas há de questionar-se e compreender a dimensão que é para o adolescente as experiências aí caracterizadas. Significa nos despirmos de algumas





“certezas teóricas” que afunilam a existência em parâmetros estanques, toscos e inapreensíveis nas relações.

Trabalhar o Plantão Psicológico em escolas da rede pública é nos lançarmos à abertura para com esse outro e para o encontro significativo entre o adolescente e o plantonista. Utilizar os constructos da Clínica dos Três Olhares no que tange a compreender a relação sob o viés do acolher, escutar e cuidar foi de extrema importância para o possível desvelar do fenômeno que, em realidade, não foram as demandas, mas ambos, plantonista e adolescente.

É entender que viabilizar a compreensão do adolecer na relação com o aluno é permitir-se lançar para a certeza plena de incertezas e de uma segurança plena de insegurança. É possibilitar-se!

### **Referências**

- Castro, Ewerton Helder Bentes de. (2021) Violência sexual contra a mulher: diálogo fenomenológico *Quaderns de Psicologia*, v. 23, n 1, e 1633, <https://doi.org/10.665/rev/qpsicologia.1633>
- Castro, Ewerton Helder Bentes de (2017) A filosofia de Martin Heidegger. In: CASTRO, Ewerton Helder Bentes de (org.). (2017) *Fenomenologia e Psicologia: a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa*. Appris
- Castro, Ewerton Helder Bentes de (2019) *Práticas de Pesquisa em Psicologia Fenomenológica* - Appris.
- Castro, Ewerton Helder Bentes de (2020) A clínica psicológica e a pesquisa em seus encontros, des-encontros e re-encontros: desvelando olhares In: Castro, Ewerton Helder Bentes de (Org.) (2020) *Pluridimensionalidade em psicologia fenomenológica: o contexto amazônico em pesquisa e clínica*. – Editora Appris, p. 157-176.
- Castro, Ewerton Helder Bentes de. (2021) Suicídio, autolesão, relações, fatores contemporâneos: a vivência do desamparo sob o viés da Fenomenologia e a clínica dos três olhares In: Castro, Ewerton Helder Bentes de (2021) *Perspectivas em Psicologia*



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**  
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

*Fenomenológico-Existencial: fazeres, saberes e possibilidades* –  
Editora Dialética, p. 309-330

Cury, Daniel Plantão Psicológico na escola: presença que mobiliza. In  
M. Mahfoud (Org.), *Plantão psicológico: novos horizontes* (pp. 49-  
79). São Paulo: Companhia Ilimitada, 1999.

Giorgi, A. & Souza, D. (2010) *Método fenomenológico de investigação  
em psicologia*. Fim do Século.

Mahfoud, Miguel; Drummond, Daniel; Brandão, Juliana; Silva, Roberta  
(2004). Plantão Psicológico na escola: presença que mobiliza. In  
MAHFOUD, Miguel (Org.), *Plantão psicológico: novos horizontes*  
(pp. 49-79). São Paulo: Companhia Ilimitada

Minayo, Maria Cecília de Souza (Org.). (2014) *Pesquisa Social: Teoria,  
método e criatividade*. Editora Vozes.

Pereira, Denis Guimarães & Castro, Ewerton Helder Bentes de (2019)  
Psicologia fenomenológica: o método de pesquisa. In: Castro,  
Ewerton Helder Bentes de (Org.) *Práticas de pesquisa em  
psicologia fenomenológica* – Appris, p.15-32.

**Recebido em: 20.11.2022 Aceito em: 28.11.2022 Publicação: 01-  
01-2023**

### **Autor**

#### **Ewerton Helder Bentes de Castro**

Doutor em Psicologia pela FFCLRP/USP. Professor Associado da  
Faculdade de Psicologia/UFAM. Docente do curso de graduação e do  
Programa de Pós-graduação em Psicologia (FAPSI/PPGPSI/UFAM).  
Líder do Grupo de pesquisa de Psicologia Fenomenológico-Existencial  
(CNPq). Coordenador do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-  
Existencial (LABFEN/UFAM). Coordenador do Projeto de Extensão  
Plantão psicológico em escolas do sistema de ensino público em  
Manaus (FAPSI/UFAM). Coordenador científico da Liga Acadêmica de  
Psicologia Fenomenológico-Existencial – LAPFE (FAPSI/UFAM) E-  
mail: ewertonhelder@gmail.com Orcid: [https://orcid.org/0000-0003-  
2227-5278](https://orcid.org/0000-0003-2227-5278)